

em fatos. Summers lembra que *há* notícia de fantasmas que se apresentaram materialmente. A antiga estação de Darlington e Stockton era famosa pela aparição de fantasmas em sua época. O mesmo ocorreria também mais tarde com a paróquia de Borley. Uma noite, o vigia, James Durham, foi atacado por um homem que havia entrado pelo depósito de bagagem; quando revidou, sua mão atravessou o estranho. Mas o cão que acompanhava o intruso pareceu bastante real quando enfiou os dentes na barriga da perna do vigia. O estranho chamou o cachorro com um estalo produzido com a língua, e ambos desapareceram no depósito de carvão, de onde não havia saída. Naturalmente, não estavam mais lá quando Durham foi procurá-los em seguida. Tudo indica que esse fantasma seria o de um suicida morto algum tempo antes da região. W. T. Stead publicou o relato de Durham, em forma de depoimento, em seu *Re Ghost Stories*.

Deve-se reconhecer que Summers não oferece quaisquer provas convincentes – do tipo que satisfaria a Sociedade de Pesquisas Psíquicas – ao longo de seus dois grandes volumes. E isto se deve inegavelmente à sua curiosidade por essas coisas ser bastante aguçada, porém artificial. Ele não enxergava o que havia por trás dos fenômenos.

O mesmo não acontece com Dion Fortune, uma das maiores ocultistas modernas, cujo *Psychic Self Defense* (1930) é um clássico do assunto. Ela relaciona o vampirismo diretamente com as forças espirituais negativas, com o “mau olhar”. A esse respeito, já mencionei seu relato sobre uma diretora de escola que lançou um “ataque espiritual” em sua direção.\* Da maneira como conta no primeiro capítulo de seu livro, o ataque dificilmente poderia ser considerado “espiritual”. Dion Fortune dirigiu-se à sala da diretora para comunicar que estava deixando a escola – não dando importância à advertência de um colega, que lhe avisara que, no caso de um confronto com a diretora, ela jamais conseguiria sair. O método de ataque da mulher consistia em afirmar que Miss Firth (nome verdadeiro de Dion Fortune) era incompetente e não possuía autoconfiança. Usou esse mesmo argumento durante quatro horas. “Entrei [na sala] forte e saudável. Saí destruída física e mentalmente, e fiquei doente durante três anos”. Por muito tempo sua vitalidade permaneceu exaurida. Sinto-me inclinado a duvidar de que a diretora tenha realmente empregado métodos “espirituais”, \*\*mas em qualquer caso seu ataque teve como fruto interessar Miss Firth pela psicologia, e depois pelo ocultismo.

\* Ver 1ª Parte, Capítulo 1, Vol. 1.

\*\* Embora esse tipo de sugestão envolva o mesmo princípio básico do hipnotismo: tirar vantagem da autodivisão da maioria das pessoas, fazendo com que uma metade se volte contra a outra. No Apêndice A de *Beyond the Outsider*, trato do caso da romancista Margaret Lané, afundada numa depressão que durou dois anos depois de ler o relato de John Hersey a respeito do bombardeio de Hiroshima. Na época, ela se recuperava de um parto difícil. A mente é capaz de desenvolver um reflexo negativo, como um cão nervoso que se retrai toda vez que alguém faz um movimento.

O pequeno capítulo de Dion Fortune sobre vampirismo talvez represente o que há de mais sensato sobre o assunto. De início, ela comenta os casos que conheceu como psiquiatra, quando um cônjuge parecia extrair energia do outro, ou quando um pai ou mãe aparentemente concedia energia ao filho. (Para ela, a maioria dos complexos de Édipo é dessa natureza.) “Com o nosso conhecimento atual da telepatia e da aura magnética, não me parece absurdo supor que, de alguma forma que ainda não compreendemos perfeitamente, o parceiro negativo de uma tal relação provoca um ‘curto-circuito’ no parceiro positivo. Ocorre um vazamento de vitalidade, e o parceiro dominante, de forma mais ou menos consciente, sorve toda essa energia.” Em seguida, Dion Fortune fala do Comandante Baring-Gould, autor de *Oddities*, que diz que alguns nativos das Filipinas praticam o vampirismo ao libertarem o “corpo astral” do corpo material, e o praticam sugando vitalidade, e não sangue, como se fossem fantasmas, por assim dizer. A seguir ela descreve um caso de que tinha conhecimento direto. As janelas envidraçadas de uma determinada casa abriam-se em algum instante durante a noite, e não adiantava tentar mantê-las fechadas porque se abriam de novo. Um jovem homossexual que vivia na casa estava em tratamento psiquiátrico, mas se apresentava constantemente destituído de vitalidade. Uma noite, presente na casa um estudioso do ocultismo, os cães começaram a ladrar e as janelas se abriram. Ele avisou as pessoas que alguma coisa havia entrado na casa. “Quando apagaram as luzes, viram um brilho opaco num canto da sala; (...) ao tocarmos aquele brilho com as mãos, tiveram uma sensação de formigamento, como o que se sente ao se tocar em água eletricamente carregada.” O ocultista fez sumir o espírito ao “absorvê-lo” com uma simpatia – a respeito da qual falaremos mais adiante. O jovem homossexual confessou mais tarde que talvez conhecesse a origem do problema. Seria um primo, também homossexual, que fora apanhado nos campos de batalha da França a praticar a necrofilia com soldados mortos, e enviado de volta à Inglaterra para tratamento psiquiátrico. Muitas vezes o rapaz visitava o primo, tendo havido relação sexual entre eles. (Numa ocasião o rapaz mordeu o primo no pescoço, sugando-lhe um pouco de sangue.) Foi depois da separação dos dois que começaram a ocorrer os fenômenos, e o moço que habitava a casa passou a ter pesadelos em que um fantasma o atacava e lhe sorvia a energia.

O ocultista era de opinião que o primo necrófilo não seria o primeiro vampiro da história. A teoria de Dion Fortune é a de que alguns soldados da frente ocidental vinham da Europa Oriental – especialmente da Hungria –, e de que alguns destes conheciam certos “truques” tradicionais do ocultismo – o mais importante sendo a maneira de evitar a “segunda morte”, a desintegração do corpo astral após a morte do corpo físico. Mantinham-se com os dois corpos por sugarem o sangue dos feridos. Ocorre que o vampirismo é contagioso. Destituída de sua vitalidade, a pessoa atacada por um vampiro constitui um vácuo espiritual, absorvendo energia de quem puder, para recuperar suas fontes de vitalidade. Pela experiência, essa pessoa em pouco tempo aprende a